

REPRESENTAÇÃO E ESPAÇO NAS NARRATIVAS DE SCHOLASTIQUE MUKASONGA E IZABEL DE OLIVEIRA ASSUNÇÃO

Joely Coelho Santiago, Rosália Aparecida da Silva

joely.santiago@sou.ufac.br, rosalia.silva@ifro.edu.br

Instituto Federal de Mato Grosso do Sul

V Seminário de Pós-graduação do IFMS – SEMPOG IFMS 2024

Resumo. Estudamos as representações e o espaço em narrativas de mulheres negras, com recorte nas obras *Memórias De Monsenhor Francisco Xavier Rey* (Izabel de Oliveira Assunção) e *Nossa Senhora do Nilo* (Scholastique Mukasonga). Ao escreverem sobre realidades de meninas negras que possuem “cota” em escolas religiosas, buscamos levantar o que as correlaciona ou as distancia. O objetivo está em buscar a compreensão de como a mulher é representada nos elementos raça/etnia, classe e gênero por meio da análise espacial/ambientação encontradas em seus textos. O projeto utilizará de leitura e revisão bibliográfica, dentro da teoria da narrativa: procedimentos narratológicos e da crítica feminista. O aporte teórico vem de Spivak (2010), Hooks (2019) e Davis (2016). Nas narrativas se encontram os modos nos quais as mulheres conseguem alcançar espaços de resistência e de empoderamento mesmo quando ainda são lugares negados a elas.

Palavras-Chave. Escola confessional, Espaço, Literatura feminina negra.

Resumen. Estudiamos las representaciones y el espacio en las narrativas de mujeres negras, centrándonos en las obras *Memórias De Monsenhor Francisco Xavier Rey* (Izabel de Oliveira Assunção) y *Nossa Senhora do Nilo* (Scholastique Mukasonga). Al escribir sobre las realidades de las niñas negras que tienen una «cuota» en las escuelas religiosas, buscamos averiguar qué las correlaciona o las distancia. El objetivo es buscar una comprensión de cómo las mujeres son representadas en términos de raza/etnia, clase y género a través de los análisis espaciales/ambientales encontrados en sus textos. El proyecto utilizará la lectura y revisión bibliográfica, dentro de la teoría narrativa: procedimientos narratológicos y crítica feminista. El aporte teórico proviene de Spivak (2010), Hooks (2019) y Davis (2016). Las narrativas muestran las formas en que las mujeres son capaces de alcanzar espacios de resistencia y empoderamiento, aun cuando siguen siendo lugares que les son negados.

Palabras clave: Escuela confesional, Espacio, Literatura de mujeres negras.

1. Considerações iniciais

O presente estudo resulta de inquietações diante do mundo, com suas desigualdades e historicidades ainda a se resolver. Gostaríamos de compreender mais a linguagem subjetiva do universo literário, pois como descreve enfaticamente Hooks (2019, p. 73) “linguagem é também um lugar de luta”. Está em correlação com as demais lutas coletivas necessárias para uma sociedade mais justa. Ainda mais reunindo no estudo uma mulher da Amazônia, com outro espaço que abriga as origens de muitos de nós brasileiros, a África.

Observando pela ótica em que cada um de nós possui representação de nós mesmos e dos outros, em que há diferenciações, mas também pontos parecidos. E que no texto literário há elementos estruturantes da narrativa em que é possível nos aproximar ou distanciar de personagens e histórias. A escolha por uma representação da literatura fora do cânone, de uma afrodescendente no interior de Rondônia, e de uma africana que se refugiou nos anos 1990 na França, é pelo que inicialmente as aproxima. Foram crianças/adolescentes que estudaram em colégios religiosos e que transformaram em narrativas as suas histórias. No caso do livro de Mukasonga (2017), a leitura está sendo conduzida pela obra traduzida pela artista/poeta Marília Garcia. Relembrando sobre a aprovação naquele colégio, como foi na vida real aquele momento de ter passado na prova de seleção, a autora conta em entrevista:

Minha passagem para o *Lycée Notre-Dame de Citeaux* (conhecido como *Notre-Dame du Nil*) foi anunciada pela rádio, porque era assim que os aprovados eram anunciados, algo que era reservado aos abastados, aos ricos. Só uma pessoa tinha rádio em Nyamata e tinha escutado que Mukasonga tinha sido admitida. E isso foi a festa de todo o vilarejo. Todo mundo trouxe feijão, batata-doce, banana. Que festão! Todo mundo! Todas as avós! Todas as anciãs desfaziam o nó de seus panos para me dar um pouco de dinheiro, para contribuir com a minha ida ao *Lycée Notre Dame de Citeaux*. Porque eu seria a embaixatriz delas (SILVA et al., 2020, p. 225).

Como é um estudo que tem como recorte cor, classe e gênero a partir de narrativas de mulheres, preliminarmente podemos recorrer a Quijano (2005, p. 116), que fala do apagamento da “[...] história, linguagem, descobrimentos e produtos culturais, memória e identidade”. São descendentes de comunidades que há cinco séculos vêm tendo direitos

usurpados. Foram silenciadas, de maneira a não poderem contar suas próprias histórias sob suas óticas por séculos de colonização europeia. Mais que direitos estão em disputa quando se pensa no poder eurocêntrico ditando ainda as realidades vividas em países africanos ou latino-americanos. Segundo Quijano (2007, p. 119): “*Las diferencias fenotípicas entre vencedores y vencidos han sido usadas como justificación de la producción de la categoría 'raza', aunque se trata, ante todo, de una elaboración de las relaciones de dominación como tales*”.

É sabido que no caso das mulheres, foram (e ainda são) usurpados muitos direitos, incluindo o da escrita (ou mesmo de se poder pensar). O *déficit* nesta balança de conquistas é mais alto quando se analisam públicos como mulheres negras e indígenas. Segundo Candido (2011), haveria cumprimento de direito quando existe satisfação de uma necessidade universal de acesso aos bens culturais e, ainda, quando há tratamento literário, por exemplo, do pobre de maneira que enquanto indivíduo e seus problemas e que passe a primeiro plano da diegese. “Uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos, e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável” (Candido, 2011, p. 193). O autor ainda defende uma visão ampla da literatura, tal como um sistema vivo de obras: “A obra não é produto fixo, unívoco ante qualquer público, nem este é passivo, homogêneo, registrando uniformemente o seu efeito” (CANDIDO, 2000, p. 68). Um pouco disso é que se procura neste estudo, pois, como mostra Duarte (2013, p. 146) “Por mais que se recuse o mecanicismo sociológico que encara a arte como reflexo da realidade histórica e social, não pode o crítico fechar os olhos ao processo de redução do escravizado a mera força de trabalho braçal, pela via de seu embrutecimento enquanto ser humano”. A presença do negro na literatura é, como o autor supracitado intitula, rarefeita e opaca, para tema e personagens² e, especialmente, quanto a ausência da voz autoral. Há, portanto, ainda, a ausência de autores negros na circulação editorial atual.

2. Metodologia ou materiais e métodos

O estudo envolve a análise da narrativa de duas obras até o momento não registradas no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior). Os objetos de pesquisa são os livros Memórias de Monsenhor Francisco Xavier Rey, de Izabel de Oliveira Assunção, e Nossa Senhora do Nilo, de Scholastique

Mukasonga. Duas escritoras pretas, separadas em seus respectivos continentes (Brasil/América do Sul e Ruanda/África), produzindo literatura e escrevendo sobre realidades de meninas negras que possuem “cota” em escolas religiosas. Cada uma das autoras com sua realidade e história.

Para esta proposta se busca o que as aproxima ou as distancia em seus textos. A partir destas possíveis ligações/distanciamento entre as autoras, a problematização para este trabalho é justamente o de quanto a literatura escrita por mulheres negras têm repercutido em nossa sociedade, que na prática é, ainda, excludente em questões de diversidade, gênero e cor, por exemplo. Visa-se no estudo a compreensão de como o mundo desta criança-mulher que foi para uma escola de confissão religiosa é representada em ambos os textos, especialmente diante das topografias narrativas que trazem representatividade para elementos como raça/etnia, classe e gênero.

O objetivo está em comparar as representações nos elementos raça/etnia, classe e gênero a partir da categoria espaço nas narrativas de Izabel de Oliveira Assunção e Scholastique Mukasonga, considerando assimilações e distinções. A investigação documental e bibliográfica, a partir de procedimentos metodológicos de análise teórico-literária. A revisão bibliográfica analítico-interpretativa ocorre, desta maneira, especialmente dentro dos estudos literários: de teoria da narrativa e de crítica feminista. Com análise dos textos a partir de procedimentos narratológicos do espaço. Uma vez que conforme lembra Lins (1976, p. 95) as narrativas são “[...] como um sistema altamente complexo de unidades que se refletem entre si e repercutem umas sobre as outras”. Levamos ainda em consideração para a análise dos elementos da narrativa os ensinamentos de Genette (s/d, p. 27): “Enquanto narrativo, vive da sua relação com a história que conta: enquanto discurso, vive da sua relação com a narração que o profere”.

3. Resultados

Os resultados foram os da descoberta e do aprendizado a partir da análise literária de duas obras em que pontos estruturais da sociedade aparecem bem marcados como a raça, a classe, o gênero. “O fato de sua raça e de sua situação econômica serem diferentes daquelas das demais não anulava sua condição de mulher” (DAVIS, 2016, p. 73).

Conforme escrevem Santos et al (2017, p. 161):

“Ocupar esse espaço de forma diferente da real é ressignificá-lo, contribuindo para que as próximas gerações de mulheres sejam mais empoderadas e menos julgadas, menos violentadas, menos obsidiadas e, enfim, mais conscientemente valorizadas”. E como se trata de um estudo que abrange a interseccionalidade, esperamos que as escritoras, mulheres negras, sejam vistas e respeitadas enquanto mulheres. Inclusive que este processo de troca colabore ao me modificar ainda mais, pessoal e academicamente, no respeito, compreensão e constituição de uma humanidade mais humana.

4. Discussão

O livro *Memórias De Monsenhor Francisco Xavier Rey* foi publicado em 2012, pela autora rondoniense da região do Vale do Guaporé, narrando a história da região e do bispo que levou meninas negras para estudar com objetivo de voltarem às suas comunidades como professoras. Izabel de Oliveira Assunção nasceu em 2/6/1927 na comunidade Pau D’Óleo, na região do Rio Guaporé, e já aposentada vivia na cidade de Guajará-Mirim/RO. Seu falecimento ocorreu em fevereiro de 20143. Havia ingressado na Academia Guajará-Mirensense de Letras (AGL) pouco antes de seu falecimento. Foram 20 anos de preparação para lançar seu livro, a quem ela agradeceu muito aos familiares pela concretização do projeto. “Ao meu esposo Raymundo de Assunção (*in memoriam*) e aos meus filhos José, Raimundo, Rivaldina e Rosa, pelo grande incentivo e ajuda que sempre me deram para a realização deste sonho” (ASSUNÇÃO, 2012, p. 5).

As chamadas “Filhas de Dom Rey” não são tão conhecidas por seus próprios nomes como o bispo que as levou para estudar. Isso é possível notar no próprio livro de Izabel e nos estudos feitos até o momento, conforme Portal da Capes. Sílvio Melo do Nascimento defendeu em 2014 a dissertação “A escola de Dom Francisco Xavier Rey: história da formação de professoras no Vale do Guaporé”, no Mestrado Acadêmico em Educação da UNIR (Universidade Federal de Rondônia). Pelo Mestrado em Educação da UFMT (Universidade Federal de Mato Grosso), em 2017, Cleicinéia Oliveira de Souza concluiu o estudo “Entre o evangelho e o ensino rural: Educação feminina no Instituto Nossa Senhora do Calvário” (Vale do Guaporé/Guajará-Mirim MT/RO 1933 – 1976). Também pelo Mestrado em Educação da UFMT, no ano de 2010, Paulo Sérgio Dutra defendeu a dissertação “Memórias de professoras negras no Guaporé: do silêncio à palavra”.

Entre os reconhecimentos que Izabel de Oliveira Assunção recebeu em vida estão a Medalha do Mérito Marechal Rondon outorgada pelo Governo do Estado de Rondônia em 10 de abril de 2012 e a Comenda do Mérito Acadêmico Magistrado José de Mello e Silva, da AGL. Falecida há quase dez anos, a história da escritora brasileira continua mais conhecida em sua própria região. Segundo Candido (2000, p. 70), “[...] a existência de uma obra levará sempre, mais cedo ou mais tarde, a uma reação, mínima que seja; e o autor a sentirá no seu trabalho. Inclusive quando lhe pesa pela ausência”. Para quando a reação chega após a morte, o crítico literário explica que “a relação se faz em termos de posteridade” (CANDIDO, 2000, p. 70).

Residindo há mais de três décadas na França, tendo sobrevivido ao genocídio tutsi da década de 1990, a ruandesa Scholastique Mukasonga tornou-se mais popular no Brasil após participar de um grande evento literário: a FLIP 2017. Sua obra *Nossa Senhora do Nilo* foi lançada em 2010. Há três resultados de busca nos arquivos da Capes, com dissertações para seus livros “Baratas” e “A mulher de pés descalços”. Dos estudos feitos, Carla Fernanda da Costa Schveper, em 2022, defendeu no Mestrado em Letras da Universidade Estadual do Centro-Oeste a dissertação “Baratas, de Scholastique Mukasonga: Um olhar crítico-dialético”; e, em 2021, Jaiza Lopes Dutra Serafim, no Mestrado em Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, concluiu a dissertação “Auscultar a memória: Scholastique Mukasonga e o dever diaspórico de narrar em *A mulher de pés descalços*”. E mais recentemente, Thiago Silva Hanashiro estudou “Scholastique Mukasonga: uma escritora ruandense em uma sala de aula de História”, dissertação defendida em julho de 2023 pelo Mestrado Profissional em Ensino de História da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

Poderia ainda ser destacado que o livro *Nossa Senhora do Nilo* possui entre suas repercussões sociais um filme, de mesmo nome, com história baseada na obra de Scholastique Mukasonga. O drama foi lançado mundialmente em 2019 e chegou aos cinemas brasileiros no início de 2023. Possui duração de 93 minutos, tendo por diretor Atiq Rahimi.

A partir deste cenário acadêmico pouco explorado sobre as duas escritoras e cada uma pensada isoladamente, há conexões entre seus textos, mesmo que elas não tenham chegado a se ler. Havendo representações que podem ser extraídas das histórias que elas contam enquanto mulheres negras. Cada uma com suas vivências, mas um comum nas narrativas, se pensar nesta diáspora. Uma que estava sediada no Vale do Guaporé, com seus

quilombos e histórias ancestrais ligadas à África. Continente em que numa de suas regiões, mais precisamente no país de Ruanda (antes de ir para o liceu, era em Nyamata, local onde os tutsis tinham sido deportados, quando ainda estava com 3 anos de idade). Elas trazem representações de mulheres de países diferentes, que abrigam também mulheres negras plurais e diversas.

Spivak (2010, p. 67) dirá que “Se, no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade”. Para a autora: “A questão da ‘mulher’ parece ser a mais problemática neste contexto. Evidentemente, se você é pobre, negra e mulher, está envolvida de três maneiras” (SPIVAK, 2010, p. 85). Logo, na escrita não seria diferente. A visão ampla é de que “[...] sexo, raça e classe, e não somente sexo, determinam a natureza da identidade, do status e da circunstância de qualquer mulher, o grau em que ela será ou não dominada, o quanto ela terá ou não poder de dominar” (HOOKS, 2019, p. 63).

As autoras em análise escreveram suas obras já com certa idade. Izabel tinha mais de 80 anos ao lançar um livro, e Scholastique, passado dos 50. Relembra fatos da infância/juventude. Esse distanciamento com o passar dos anos é uma angústia em Hooks (2019, p. 317): “Quanto mais eu demorava para começar a escrever a autobiografia, mais distante daquelas memórias eu ficava. Conforme os anos passavam, algumas memórias iam perdendo clareza”. O transcorrer da idade estava no caminho de Izabel e Scholastique. Uma teve sua formação no colégio religioso para ser educadora-alfabetizadora de seus conterrâneos, e a outra para conquistar um bom posicionamento em sua sociedade. A primeira escreve em agradecimento por ter tido a oportunidade de um futuro “melhor” que o de uma menina residente numa região de fronteira (Brasil-Bolívia), em meio a florestas e rios, não alcançado muitas vezes diretamente pelo poder público. A segunda, em memória dos que foram assassinados numa guerra sanguinária por poder.

Observando a ancestralidade das comunidades e das mulheres negras. No caso da rondoniense, as comunidades que ainda lutam por se manter no Vale do Guaporé, na Amazônia. Ou mesmo nesta relação Amazônia e continente africano. Externamente, espaços tão diferentes, mas de alguma forma interligados, por suas histórias e lutas.

Segundo o Dicionário de Teoria da Narrativa: “O espaço constitui uma das mais importantes categorias da narrativa, não só pelas articulações funcionais que estabelece com

as categorias restantes, mas também pelas incidências semânticas que o caracterizam” (REIS; LOPES, 1988, p. 204). E se as narrativas que se objetiva estudar estão falando de colégios religiosos que recebem apenas mulheres, em comparação ao estudo do espaço, tem-se em Reis e Lopes (1988, p. 205) a seguinte explicação em relação ao espaço psicológico: “o ambiente do seminário em Manhã submersa, de V. Ferreira (espaço concentracionário propício à humilhação, à angústia e à opressão exercida sobre adolescentes)”. Na abertura de Nossa Senhora do Nilo, as primeiras linhas já trazem a descrição do colégio com a atmosfera (física, social e psicológica) que o cerca:

O LICEU NOSSA SENHORA DO NILO É O MELHOR LICEU que existe. As professoras brancas gostam de dizer, orgulhosas: ele tem 2.500 metros. A irmã Lydwine, professora de geografia corrige: 2.493. “Estamos tão perto do céu”, murmura a madre-superiora, juntando as mãos em devoção (Mukasonga, 2017, p. 5, destaque da própria edição).

É o colégio o ambiente que une as duas literaturas. Comparativamente, estudando a categoria espaço, Santos et al (2017, p. 158) elegeram a casa (espaço de resistência e empoderamento), analisando três mulheres (brancas) que ao narrarem apresentam resistência e uma nova posição/ocupação (não pela violência simbólica do patriarcalismo) do lugar: “estudar as narrativas produzidas por autoras contribui para o posicionamento das mulheres na sociedade, além de propiciar-lhes que se vejam representadas por seus pares, mulheres que dialogam de algum modo com o panorama social que todas enfrentam”. Por isso, a proposta inicial de se estudar a área de gênero juntamente com a decolonialidade e a interseccionalidade, para tal qual uma gota no oceano também contribuir com o fim da “violência de gênero e para a mudança em pensamento e ação antipatriarcal, decolonialista, pró-diversidade” (PIETRANI, 2021, p. 201).

Sobre o espaço da escola, logo no início dos estudos (ASSUNÇÃO, 2012, p. 47), que estava com seis anos de idade na época, escreve: “Os primeiros dias no colégio foram muito difíceis para todas nós. Não foi fácil nos adaptarmos ao regulamento exigido, e chorávamos muito, sentindo saudades de casa”. E no dia da inauguração do Colégio Santa Terezinha (25/05/1933), a descrição é a seguinte: “Monsenhor estava feliz por ver seus sonhos sendo realizados. Essa alegria contagiava a todas as meninas, por virem de lugares distantes, sem nunca terem visto comemorações assim; ficavam atentas a tudo” (Assunção,

2012, p. 49).

Ao tentar compreender a literatura pelo viés da criação e da representação é que se estrutura esta pesquisa. Candido (2011, p. 177) fala dessa necessidade que temos (da pessoa analfabeta à erudita) de entrar em contato com toda e qualquer espécie de fabulação, tanto que amplia um conceito para resumir que “literatura é o sonho acordado das civilizações”. É por a literatura possuir esse caráter de formação ou do que a sociedade preconiza como impróprio (ou não formativo) é que ele ainda diz que “[c]ada sociedade cria as suas manifestações ficcionais, poéticas, dramáticas de acordo com os seus impulsos, as suas crenças, os seus sentimentos, as suas normas, a fim de fortalecer em cada um a presença da atuação deles” (CANDIDO, 2011, p. 11). A partir desta subjetividade criativa, há no texto projeções de representação social, que também perpassará pelo contexto do espaço. Em que podemos pensar neste espaço como indica Brandão (2013, p. 68), que “[...] se revela, constitutivamente, no fato de que ela não é homogênea nem fixa, ou seja, no fato de que os sentidos, só configuráveis na ação fluida e variável da leitura, podem ser gerados de diferentes modos e estão em constante deslocamento”.

Logicamente, quem narra “escolhe” o que na memória há para contar, relembrar, fazer ficção. Com isso, o trabalho pode contribuir para (re)conhecer mais sobre as subjetividades trazidas na literatura africana e afrobrasileira com relação às mulheres escritoras a partir da categoria espaço. Buscará ainda aproximações de suas histórias, enquanto alunas negras que frequentaram escolas regulares confessionais católicas. Cada uma em seu país, em sua época e contexto, porém, em regiões que possuem histórias de colonização europeia. Sobre esta representação de si nos textos, Evaristo (2009) defende haver uma subjetividade quando se trata da escrita das mulheres negras, o que ela chama de “vertente negra feminina”. Em outras palavras, a autora diz haver uma autoria que deixa no texto a marca de quem escreve um texto literário, no caso, por haver um pertencimento que é de gênero, cor e de classe:

[...] sociedade que me cerca, com as perversidades do racismo e do sexismo que enfrento desde criança, somada ao pertencimento a uma determinada classe social, na qual nasci e cresci, e na qual ainda hoje vivem os meus familiares e a grande maioria negra, certamente influenciou e influi em minha subjetividade. (EVARISTO, 2009, p. 18)

Desta maneira, procura-se neste fazer poético das autoras eleitas para o estudo os

eixos teóricos literário de espaço e de feminismo negro, pois, “O anseio de narrar uma história e o processo de contar são simbolicamente um gesto de desejo de recuperar o passado de modo que se experimente tanto uma sensação de reunião quanto de alívio” (HOOKS, 2019, p, 320). Fazem parte de uma literatura que traz a igualdade de gênero, de múltiplas vozes a serem ouvidas. No Brasil, a pesquisa de Dalcastagnè (2005) discute essa necessidade de multiplicidade de identidades estarem representadas na literatura e da ausência encontrada em relação aos pobres e aos negros nos romances pesquisados. Encontrou-se ainda uma maioria masculina (autores ou personagens) no corpus analisado. “Os lugares de fala no interior da narrativa também são monopolizados pelos homens brancos, sem deficiências, adultos, heterossexuais, urbanos, de classe média...” (DALCASTAGNÈ, 2005, p. 15). Desta maneira, visões de mundo terminam por ficar reduzidas a poucas vozes que poderiam ser mais dissonantes, heterogêneas como o próprio mundo/natureza, que não é de forma alguma homogêneo.

5. Considerações finais

Ao analisarmos as obras Memórias De Monsenhor Francisco Xavier Rey (Izabel de Oliveira Assunção) e Nossa Senhora do Nilo (Scholastique Mukasonga), verificamos que as autoras entrelaçam no espaço/ambiente dos colégios em que estudaram as memórias que evidenciam raça, classe e gênero. Configuram, assim, a literatura como espaço simbólico de resistência e reconfiguração social. Ao ocupar os espaços físicos e simbólicos que historicamente lhes foram negados, as narrativas e personagens negras dessas autoras realçam as múltiplas camadas de opressão às quais estão submetidas, bem como suas estratégias de sobrevivência e afirmação identitária. A análise reforça a importância de abordagens interseccionais na crítica literária, considerando que a representação da mulher negra nessas obras contribui para romper silêncios e deslocar narrativas hegemônicas.

Este estudo não se limita à observação externa. Também promove um processo interno de transformação, reafirmando o papel da literatura como ferramenta crítica e formativa para a construção de sujeitos e sociedades mais justas e conscientes. Ficam em abertas novas pesquisas em torno das obras e suas linguagens literárias, com possibilidades de aprofundamento e compreensão da sociedade em que estamos todas e todos inseridos.

6. Referências

- ASSUNÇÃO, Izabel de Oliveira. **Memórias De Monsenhor Francisco Xavier Rey**: Dom Rey – O apóstolo que se transformou em anjo. 1. ed. São Paulo: Scortecci Editora, 2012.
- BRANDÃO, Luís Alberto. **Teorias do espaço literário**. 1. ed. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: Fapemig, 2013.
- CANDIDO, Antonio [de Mello e Souza]. **Literatura e Sociedade**. 8. ed. São Paulo: T.A. Queiroz; Publifolha, 2000.
- CANDIDO, Antonio. **Vários escritos** [O direito à literatura]. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.
- DALCASTAGNÈ, Regina. A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004. Revista **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, n. 26, p. 13-71, jul./dez. 2005. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/7380>. Acesso em: 21 maio 2023.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. 1. ed. São Paulo: São Paulo, 2016.
- DUARTE, Eduardo de Assis. O negro na literatura brasileira. Revista **Navegações**, UFMG, 2 ago. dez/2013.
- DUTRA, Paulo Sérgio. **Memórias de professoras negras no Vale do Guaporé**: do silêncio à palavra. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá (MT), 2010.
- EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2º sem. 2009.
- GENETTE, Gérard. **Discurso da Narrativa**. Lisboa: Vega Universidade, s/d.
- HANASHIRO, THIAGO SILVA. **Scholastique Mukasonga**: uma escritora ruandense em uma sala de aula de História. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro (RJ), 2023.
- HOOKS, Bell. **Erguer a voz**: pensar como feminista, pensar como negra. São Paulo: Elefante, 2019.
- LINS, Osman. **Lima Barreto e o espaço romanescos**. São Paulo: Ática, 1976.
- MUKASONGA, Scholastique. **Nossa Senhora do Nilo**. 1. ed. São Paulo: Editora Nós,

2017.

NASCIMENTO, Sílvia Melo do. **A escola de Dom Francisco Xavier Rey**: história da formação de professoras no Vale do Guaporé. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Rondônia (RO), 2014.

PIETRANI, Anélia. Gênero. In: JOBIM, José Luís; ARAÚJO, Nabil; SASSE, Pedro Puro. **(Novas) Palavras da Crítica**. Rio de Janeiro: Edições Makunaima, 2021.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder y clasificación social. In: CASTRO-GOMÉZ, Santiago; GROSGOUEL, Ramón. **El giro decolonial**: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. 21. ed. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, Universidad Central, Pontificia Universidad Javeriana, 2007.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (Org). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina M. **Dicionário de teoria da narrativa**. São Paulo: Ática, 1988.

SANTOS, Enedir S.; OLIVEIRA, Rubens Aquino; GRÁCIA-RODRIGUES, Kelcilene. A casa como espaço de resistência feminina. Revista **Estação Literária**. Londrina, Volume 18, p.156-170, mai. 2017.

SCHVEPER, Carla Fernanda da Costa. **Baratas, de Scholastique Mukasonga**: Um olhar crítico-dialético. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual do Centro-Oeste, Guarapuava (PR), 2022.

SERAFIM, Jaiza Lopes Dutra. **Auscultar a memória**: Scholastique Mukasonga e o dever diaspórico de narrar em A mulher de pés descalços. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal (RN), 2021.

SILVA, L. E. da; TEIXEIRA, L. L. S. L.; FIRMINO, M. C.; SANTOS, S. C. B. dos. Escrever para não esquecer: entrevista com Scholastique Mukasonga. Manuscrita: Revista de **Crítica Genética**, [S. l.], n. 42, p. 219-229, 2020. DOI: 10.11606/issn.2596-2477.i42p219-229. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/manuscritica/article/view/178334>. Acesso em: 30 Jul 2023.

SOUZA, Cleicinéia Oliveira de. **Entre o evangelho e o ensino rural**: Educação feminina

no Instituto Nossa Senhora do Calvário (Vale do Guaporé/Guajará-Mirim MT/RO 1933-1976). Dissertação – Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá (MT), 2017.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** 1. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.